

TRAVESSIA SOB O IMPERATIVO DO DESEJO

Pedro Barbosa Rudge Furtado (doutorando pelo PPG em Estudos literários da UNESP)

Resenha do livro: MAIRAL, Pedro. *Uma noite com Sabrina Love*. Tradução de Livia Deorsola. São Paulo: Todavia, 2019.

A iniciação erótica da personagem é assunto de muitos romances de formação, direta ou indiretamente. Em Goethe, por exemplo, assinalam-se a “semente individual e primordial, as determinações acidentais, o envolvimento amoroso, a necessidade invencível e a esperança” (MAAS, 2000, p. 201). Na esteira do desenvolvimento do Eros, o desejo, em *Uma noite com Sabrina Love*, de Pedro Mairal¹, constitui, além do grande tema do romance – não sendo tão somente um assunto entre outros na narrativa – o seu motivo formal por excelência.

Em termos estruturais, o recorte temporal do romance é denso; as ações concentram-se em poucos dias, compondo um enredo rico em peripécias inseridas numa espécie de livro de viagem. Na jornada de Daniel, o protagonista da narrativa, efetua-se o seu amadurecimento libidinal, na noção, previamente exposta, de educação erótico-sentimental por meio do foco no abandono moderado do amor narcísico, contíguo ao conhecimento incessante da alteridade situada fora da comunidade cognoscível da personagem-principal.

Órfão aos dezessete anos, Daniel reside, juntamente com a avó e a irmã – o irmão, desempregado, vive com a esposa – na pacata e fictícia cidade argentina de Curuguazú ao sabor do arranjo do *modus vivendi* do lugar. A lentidão, a cinzenta monotonia dos dias e, especialmente, a ausência de incentivos sexuais são alentadas, pelo virgem protagonista, a partir de estímulos exteriores às experiências que lhe são oferecidas na vila. O seu principal alimento sensual apoia-se no *Show de Sabrina Love*, ao qual ele assiste fazendo uso de uma ligação ilegal de TV a cabo.

¹ *Uma noite com Sabrina Love* é o romance de estreia do argentino Pedro Mairal. Lançado em 1998, foi traduzido em 2019 para o português pela editora Todavia.

Em uma idade de efervescência hormonal, conjugada com as provocações libidinosas incitadas pelo programa de Sabrina, agrava-se em Daniel a prática onanística. Não havendo o contato real com um outro não mediado pela TV, ele enovela-se sobre si mesmo, em um ato de relação erótica com o próprio eu. Como diz Freud (2010, p. 14), o narcisismo apresenta-se como “a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos.”

Entretanto, num golpe de sorte, ele ganha a oportunidade de estender o seu conhecimento de mundo, *a priori* em termos puramente sexuais, ao poder ligar a sua volúpia à alteridade, vencendo um sorteio em que o prêmio é passar uma noite com a sua musa Sabrina. Todavia, há grandes adversidades no seu caminho. A fim de vê-la, ele deve viajar até Bueno Aires, o que não é garantido, financeiramente, pelo seu emprego num frigorífico. Desse modo, posteriormente à percepção da impossibilidade de conseguir algum empréstimo, ele decide viajar sozinho – em uma busca individual pelo afeto – da forma mais barata possível: primeiro fazendo uso de um barco superlotado, depois solicitando caronas na estrada. Ambas formas de locomoção engendram intensos contatos com o outro.

O deslocamento abre espaço para “uma promessa de felicidade” (BOURNEUF; OULLET, 1976, p. 167), ou melhor, no caso de Daniel, da satisfação do desejo em que a alteridade é participante ativa, em termos de transição da energia libidinal do eu para o outro, análoga à pulsão de vida. Digamos, então, que a narrativa figura, como força-motriz, uma personagem alimentada pelo gozo erótico, como um arrivista do prazer. Esse fito confere dinamicidade às peripécias da história; essa narrativa de aventuras, no entanto, suspendendo a ação pelo olhar subjetivo de Daniel – através da voz narrativa – sobre o mundo, adiciona ao romance uma carga existencial.

Dessas ações geradoras de ecos interiores, por exemplo, nasce o conhecimento, pelo leitor, da morte de seus pais. Na primeira carona que Daniel arranja em direção ao seu pessoal *locus* edênico, ele deve defrontar-se com o *locus* trágico da perda, estimulado tanto pela reflexão interna da personagem – “Naquele tempo, ele tinha dez anos e ficou com a impressão, pela foto, de que o caminhão era feito um monstro imenso saído à procura de seus pais para triturá-los num única mordida feroz” (MAIRAL, 2019, p. 36) – quanto externa,

diante da coincidência da afirmação do motorista de que um casal, justamente os pais do protagonista, morrera naquele trecho da estrada: “— Um casal morreu – disse o caminhoneiro. Daniel ficou em silêncio” (MAIRAL, 2019, p. 36).

Os empecilhos perturbadores da travessia, comumente usados em romances de aventuras, são, portanto, materiais e ontológicos. No plano material, o protagonista empreende-se numa excursão quase homérica, expondo-se à violência, à fome e à sujeira de um pobre-diabo. No nível dos conflitos do ser, que não estão amiúde apartados do outro, a jornada provoca, no tocante ao sofrimento, um processo de compreensão do desatar de laços. Assim, se a estrada remete Daniel aos seus pais, uma idosa alude à sua vó e o novo espaço da caminhada está correlacionado, mesmo que sub-repticiamente, à terra natal. Esses signos estão, então, relacionados à ausência dos afetos mencionados no agora. Sintetizando esses dois eixos, a prosa circunscreve-se sob a nota do desamparo.

Entretanto, nesse caso, o desamparo não suscita a angústia – como a falta de garantias de que o sujeito é protegido – pois a personagem não tem consciência dos perigos iminentes a serem enfrentados, como no trecho em que ele dorme em um pasto, sendo acordado por um camponês que passeia pelo local. O estranho, neste caso, estabelece a tomada de consciência da ameaça anteriormente ignorada: “— Mas, filho, os animais não te pisotearam por sorte” (MAIRAL, 2019, p. 48).

Partindo do pressuposto psicanalítico de que o inaudito funda a falta de acolhimento, é mediante o próprio desconhecido que o indivíduo volta a ser assistido, num sentido de construção de uma “dívida com o outro”, uma vez que o eu não pode se libertar dos afetos da alteridade (BIRMAN, 1999, p. 25). O estranho pode ser ríspido – como vimos anteriormente – mas também afável. Por meio da benevolência da alteridade Daniel consegue completar sua viagem a Bueno Aires.

Todavia, as provações não cessam quando ele desembarca na capital. Sabrina não pode atendê-lo no sábado, dia inicialmente marcado; o encontro é, então, postergado para a segunda-feira seguinte. Entrementes, o que poderia fazer o nosso herói? A despeito dessa adversidade quase incontornável, considerando o seu insuficiente dinheiro, o protagonista decide tentar abrigar-se no apartamento de um amigo de seu irmão, chamado Ramiro. Com

o intuito de chegar naquela residência, ele deve encarar o deslocamento micro – se comparado com a sua viagem da província até a capital – dentro de Buenos Aires.

Primeiramente ressabiado, pois Daniel descobrira a homossexualidade do amigo do irmão, condição que causaria diversos desgostos na cidade natal de ambos, Ramiro permite a entrada do rapaz, que acontece durante uma festa fantasia. O enxame de pessoas no local – em oposição à pacata vila onde mora – causa o sentimento de desajuste no protagonista: “Daniel deixou suas coisas num canto e ficou observando o movimento, sentindo-se desconfortável e aturdido e sem saber o que fazer com as mãos” (MAIRAL, 2019, p. 75). Contudo, ele é logo integrado à celebração, especialmente ao conhecer Sofia, vestida como a pecaminosa e lasciva Eva. Nesse instante, a atração é capturada pelo olhar, correspondendo à lenda mitológica grega de Eros e Psiquê, em que o

erótico privilegia a visão, pois ele repousa completamente sobre troca de olhares: os parceiros servem um ao outro de espelho onde o olhar de frente **é refletir o olhar do outro, que nada mais é que o próprio olhar**, no qual descobre e nomeia seu desejo (MARQUETTI, 2006, p. 278-9, grifo nosso).

Ainda que haja, nessa dialética da volúpia, um retorno narcísico final, como vemos no nosso grifo da citação anterior, a alteridade, *in locu*, medeia o desejo, diferentemente da endogenia onanística. Vemos, a seguir, a interação de miradas entre Daniel e Sofia:

Em seguida surgiu uma Eva de biquíni com uma folha de uva no púbis e os peitos estrategicamente cobertos pelas mechas de uma peruca loura e comprida. Olhou para Daniel e ele para ela, sem conseguir evitar que seu olhar escorregasse mais de uma vez para suas ancas redondas (MAIRAL, 2019, p. 76).

Eles planejam um novo encontro no dia posterior. Assaltado por esse episódio, no instante de semi-vigília anterior ao sono, o jovem rememora os seus primeiros contatos libidinais em um “outro mundo de quadris de cinturas jovens [...]” (MAIRAL, 2019, p. 81). Enquanto no outro mundo do passado extremamente recente, em que o desejo afigurava-se tão somente via observação, o mundo novo do presente da narrativa comporta o contato erótico-tátil com o outro, apesar do contato ser impedido pela chegada da irmã de Sofia no

apartamento que dividiam juntas. O protagonista e a moça, pensando em impedir o impedimento daquela noite, combinam uma nova visita de Daniel no dia seguinte.

Como pôde ser percebido, a trama é edificada através de constantes obstáculos relativos à saciedade do desejo. À vista disso, o dilema do momento manifesta-se na escolha de quem Daniel deve ver: a musa pornográfica, conhecida apenas de modo remoto, situada num nível de idealização acachapante, ou Sofia, com quem ele se relacionou, no dia anterior, em pé de igualdade por meio do toque humano e da troca de confidências.

O leitor romântico pode exaspera-se: obviamente Daniel tem a obrigação afetuosa de escolher Sofia, com quem passou momentos amorosos na intimidade de longas conversas, em que os olhos dos quase amantes convergiram-se em direção à paixão – “Ela o olhou nos olhos, séria, sorriu e começou a abaixar uma alça [...]” (MAIRAL, 2019, p. 93).

O protagonista, entretanto, opta por desfrutar da sua vitória no sorteio. Trava relações com Sabrina Love. Cansada, a atriz causa certa disforia em Daniel, que logo a humaniza, também por meio do olhar:

Observou-a. Sabrina Love era apenas uma mata de cabelos frisados e platinados saindo dos lençóis. Sem muito esforço, Daniel imaginou como seria essa mulher com sua cor natural e seu verdadeiro nome, indo ao mercado com o carrinho de compras, talvez com filhos e marido (MAIRAL, 2019, p. 114).

O desencanto pouco durou. Ao fitar e tocar, um tanto obsessivamente, o corpo de Sabrina, encontrando nele nuances belas, despida parcialmente da pesada maquiagem usada rotineiramente, desamparada pelo pesado sono, a personagem-principal aprendia “pouco a pouco uma nova forma de perceber Sabrina Love”, desejando-a “com um novo ardor” (MAIRAL, 2019, p. 118). O processo de humanização desencadeado pelo trato com Sabrina, construído, também, mediante diálogos agradáveis entre as duas personagens, enseja a organização de afetos propiciadores do elo saudável com Sofia, essa mulher com quem, diferentemente da estrela pornô, é possível direcionar a sua paixão de modo recíproco.

É o gozo com Sofia, enfim, que instala em Daniel uma potente pulsão de vida, como se verifica na seguinte cena entre essas duas personagens:

— Sim, sim. É que é a primeira vez que penso que tenho vontade de viver muitos anos.
— Eu sempre penso que quero viver muitos anos.
— Eu não. Comecei a pensar assim não faz muito tempo; quando você disse essa coisa dos chineses, me bateu uma vontade de viver até depois dos cem. Não sei por que, antes nunca tinha pensado que a pessoa pode morrer e tal. (MAIRAL, 2019, p. 143).

Ao final da narrativa, o protagonista despede-se de Sofia. Ambos, no entanto, fazem planos. Os planos são, em si, uma possibilidade no tempo futuro. A sensação do campo expandido do exequível desponta em Daniel na sua errática viagem erótica-sentimental, mas, também, no formativo discernimento incipientemente maduro do outro pobre, homossexual, feminino etc. A alteridade, tanto a ríspida quanto a benevolente, deu-lhe, senão claramente, isto é, senão na sua consciência, talvez na sua inconsciência ou no âmbito da latência da pré-consciência, a ideia de que o gozo narcísico não basta, e que o amparo, mal ou bem, fundamenta-se a partir do olhar e do toque afetivo daqueles que não somos nós.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. “A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano”. *Physis*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 9-30, 1999.

BOURNEUF, Roland; OULETT, Real. O espaço. In:_____. **O universo do romance**. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In:_____. **Obras completas volume 12**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MAIRAL, Pedro. **Uma noite com Sabrina Love**. Tradução de Livia Deorsola. São Paulo: Todavia, 2019.

MARQUETTI, Flávia Regina. “Sob o olhar do desejo”. *Classica (Brasil)*. Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 273-283, 2006.

MASS, Patricia Wilma. **O cânone mínimo: o *Bildungsroman* na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.